

A CIDADE E SEUS “ARTISTAS”: A FUNDAÇÃO DA SOCIEDADE BENEFICENTE EM CAMPINA GRANDE NA DÉCADA DE 1920.

Jullianne Catielle da Silva Clementino¹

MSc. Flávio Carreiro de Santana²

Resumo:

SOCIEDADE BENEFICENTE DOS ARTISTAS DE CAMPINA GRANDE: PATRIMÔNIO HISTÓRICO, MEMÓRIA E DESCASO SOCIAL

Autora: Jullianne Catielle da Silva Clementino (acadêmica do curso de História, UVA)

Orientador: Msc. Flávio Carreiro Santana

RESUMO:

Este trabalho propõe realizar uma historicização sobre a Sociedade Beneficente dos Artistas de Campina Grande, entendendo-o enquanto patrimônio histórico vitimado e espaço de memória. Para tanto, incorre-nos compreender as seguintes problemáticas: Que atividades e quais grupos atuavam em suas dependências? Qual a representatividade na sociedade campinense? A quem interessava a integridade desse bem cultural que não mais existe? Por que sua demolição, aparentemente, não motivou nenhuma contestação popular? Como o Poder Público local reagiu a esse ato? Entendemos que a importância desses questionamentos ajudarão na discussão a propósito da importância cultural daquela instituição como um espaço de memória individual/coletiva, uma vez que se marcava como importante ambiente da sociabilidade campinense. Com este propósito, trabalharemos com diversas evidências tais como fotografias, pesquisas de entrevistas com artistas e frequentadores daquele lugar, bem como jornais.

PALAVRAS- CHAVES: História – Memória – Patrimônio Histórico

Campina Grande e a fundação Beneficente dos Artistas

A Sociedade Beneficente dos Artistas foi uma instituição filantrópica fundada em 26 de fevereiro de 1929 por artistas, educadores e outros profissionais com a finalidade de oferecer cursos de alfabetização (Primeiro e Segundo grau) e cursos profissionalizantes como corte e costura datilografia, entre outros para a classe mais desfavorecida de Campina Grande.

Em um período anterior a formação de instituições assistencialistas como o SESC, SESI, SENAI e de subsídios suficientes do governo para esses fins, a Sociedade Beneficente dos Artistas foi um entre os demais elementos que representaram as transformações da cidade de Campina Grande na década de 20.

Campina Grande em meados da década de 20 estava desenvolvendo a sua área urbana: a população variava entre 70 e 100 mil habitantes, segundo o Anuário da cidade datado de 1925, e havia 18 logradouros, entre ruas, praças, travessas e largas, sendo 14 localizadas na parte central e o restante em ruas adjacentes.

Infelizmente, documentação oficial, registrada pertencente à cidade tanto da década de 20 quanto dos anos seguintes, não oferecem histórias completas das ruas e personalidades que fizeram parte dela, mas, superficialmente de acordo com os interesses de quem o produz ou patrocina como por vezes acontecem com esses tipos de fontes de pesquisa, restringindo a história campinense apenas à história das grandes personalidades. Porém, o uso dessas fontes pode ser bastante útil para levantar indícios, problemáticas e discussões muito proveitosas para o historiador. (SOUZA, 2001).

Utilizando tais fontes, podemos compreender que a Rua Maciel Pinheiro, ou Rua Grande como conhecida, era um centro de quase tudo na cidade restando aos demais espaços fortes marcos populares, porém, de igual importância. Próximo a ela, havia a Rua Monsenhor Sales, a Rua Gaiata ou dos Gaiatos onde se encontrava o Clube 31, ponto referencial para diversão.

Assim, como a própria Maciel Pinheiro, pode-se dizer que ela era um reflexo da mesma, o que acontecia na Maciel Pinheiro repercutia no Monsenhor Sales, nela poderíamos achar personagens como Zé Bernardino, com o seu “Hotel do Zé Bernardino”, a venda de Seu Henrique Cabelão, entre outros. Foi graças a essas e outras personalidades que a rua adquiriu vários nomes, “Beco da onça”, por causa de uma onça exposta como caça-níqueis, “Beco do jogador de espadas”, “Beco do Hotel do Zé Bernardino” “Beco do Açougue”, “Beco do Lamaçal”, isso devido aos dias de chuva

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura em História da Universidade Vale do Acara

² Professor da universidade Vale do Acara e universidade Estadual da Paraíba.

onde a rua ficava alagada, entre outros. Só em 1929 ela recebeu a nomenclatura oficial de “Monsenhor Sales” em homenagem a outro personagem da história campinense, tal como nos informa Crestem Pimentel quando nos diz que:

O que acontecia na Rua Grande (Maciel Pinheiro) repercutia no “Beco de Zé Bernardino (Rua Monsenhor Sales). Quem não se lembra da negra Vicência, pedindo tostão a Fuad Géa,” pá compá de baciaiu qui tava de resguardo ...doente do ute?”... (sic) De “Monsenhora”, que se intitulava de noiva de Monsenhor Sales; de Lamparina de “Rosbac”, uma doida muito fedorenta; de “Minas Gerais”, uma mulher de 120 quilos, que deixou o marido em Soledade e veio para Campina Grande se prostituir; de Cobra D’água, cantando a canção do padeiro, ritmando os passos: “O padeiro quando morre, vai pro céu das formiguinhas, a mortáia (sic) que leva é pão doce e bolachinha”. “Essa noite á meia noite, um pinto no ovo, foi a mocei do padeiro que teve um federem novo.” De “Zepelim”, um aleijado que andava se arrastando em cima de uma circunferência de sola, e parecia uma touceira de qualquer coisa asquerosa. Estava sempre ás voltas com a polícia. Esse aleijado tocava viola e gostava de dirigir galanteios ás mulheres. “Um dia ele, bêbado, dentro de uma poça de lama, soltando lorotas na rua, no momento em que passava uma mulherzinha do povo, jogou-lhe um galanteio, e teve por resposta uma praga. (DINOÁ, 1993, p. 217).

Na parte comercial, além do Beco dos 31, havia também outras ruas que misturavam por varias vezes comércio, residências, pensões, ao leste da Maciel Pinheiro, se localizava a Rua do Emboca, habitado por populares (até o início dos anos 30), moradores de pensões e meretrícios e algum comércio, ao oeste, a Rua Venâncio Neiva, pequena com aparência de beco, possuía alguns moradores e casas comerciais, além de resquícios de um riacho transformado em esgoto (também conhecida como o Beco do Mijo ou Beco da Merda) (SOUZA, 2001).

Além da Rua Marques do Herval, a “Rua dos Armazéns”, onde das 6 casas anunciadas no Anuário, 3 eram de comercialização do algodão além disso, havia também a amostra de algodão, onde os comerciantes expunham o produto nas calçadas, que segundo alguns depoimentos da época, foi o grande impulsionador do desenvolvimento de Campina Grande.

De fato, o algodão impulsionou a economia da cidade: ele movimentava toda a área central desde a Rua Dos Armazéns até quase a Rua Grande, espalhavam nas calçadas e daí comerciantes daqui e vindos de outras cidades e também do Sertão. Não era por acaso que Campina Grande estava posicionada no topo no ranking de exportações mundial de algodão, perdendo apenas para Liverpool, na Inglaterra, como podemos observar a seguir:

Naquele período, numa comparação relativa, o comércio de Campina Grande era muito mais movimentado do que é hoje. No tempo da safra, em todos os sábados, entravam aqui mais de quinhentos cavalos carregados (esse era o

meio de transporte disponível). O algodão vinha do Sertão e a praça Marques do Herval ficava repleta, pois os armazéns não comportavam. Quem comprava algodão tinha que colocá-los na rua para depois transportá-lo de carroça, para a estação. As vezes saiam de Campina dois trens por dia, carregados de algodão. Depois surgiu o transporte dos caminhões. (DINOÁ, 1993, p.75).

Porém, apesar de todo status proporcionado pelo “ouro branco”, a situação urbana ainda era pouco satisfatória, ruas sem calçamento, cheias de buraco, barro, a distribuição de água não era suficiente para atender população o saneamento básico só apareceu anos depois no governo de Argemiro de Figueiredo em 1937. (DINOÁ, 1993, p.75).

A luz elétrica também era insuficiente, funcionava por meio de geradores, porém, pelos poucos recursos ele tinha muitos problemas causando black out's na cidade. Além disso, ele só funcionava até às 22 horas, isso no centro da cidade, por que nos bairros não tinham a mesma sorte, a luz era mais precária.

Sem falar no abastecimento de água, Campina Grande ainda não era abastecida pelo açude Epitácio Pessoa, e sim, segundo moradores da época, pelo açude de Vaca Brava, a água vinha para uma caixa d'água localizada no bairro do Alto Branco e distribuída para a cidade.

Mas, com relação à distribuição elétrica, não eram apenas os comerciantes que enfrentavam esse tipo de problema em seus estabelecimentos, as indústrias, ainda em pequeno número, precisavam de geradores elétricos dentro de seus próprios estabelecimentos, pois, a falta de luz era freqüente na cidade podendo comprometer a produção, além disso, mesmo com o trem já funcionando desde 1907 e a utilização de caminhões para transporte de mercadorias, havia outros problemas que prejudicavam a indústria, bem como as estradas mal organizadas e o péssimo estado, também o incentivo fiscal do governo que era mínimo, entre tantos outros empecilhos.

Para os cidadãos pedestres as opções de transporte também não eram variadas, o primeiro automóvel chegou em 1914, mas, ainda na década de 20 eram raros, porém, já se iniciava a utilização do ônibus para transporte de carga e só depois para o transporte de populares, na realidade, a pluralização do automóvel, assim como as mudanças urbanas ocasionadas por ele e pelos outros meios de transporte vão se dar em maior força na década de 30. (SOUZA, 1993, p.29).

Porém, mesmo com tantos atropelos freqüentes de uma cidade em desenvolvimento, principalmente naquela época, não faltava os visionários que

conseguiam enxergar o promissor caminho que a cidade seguia como podemos observar na descrição a seguir contida em entrevistas feitas por Ronaldo Dinoá:

Ah,quando aqui cheguei,era uma cidade pequena, mas de um povo bom e amigo. Uma cidade ainda sob luzes de candeeiros.Existia dificuldade no que se refere ao problema de luz e água.Mas,mesmo assim,era uma cidade que a gente notava o desenvolvimento de seu povo .E veja até que ponto ela chegou,apesar da violência reinante por aqui. (DINOÁ, 1993, p.56).

Como podemos perceber Campina Grande não era apenas uma cidadezinha repleta de lacunas quanto ao desenvolvimento urbano, era uma cidade promissora, tanto no lado econômico com o algodão, como no comercio e até a própria hospitalidade do povo que sempre é muito lembrada em depoimentos dos antigos moradores da mesma que um dia chegaram aqui e participaram como agentes de construção da cidade.

Com relação aos lazeres da cidade, eles estavam espalhados pelas ruas, os “locais de diversão” como eram chamados, havia clubes como o Campinense, Aliança 31, Ypiranga, onde se reuniam os cidadãos para participarem das festas, mais elitizadas no caso do Clube Campinense e do Aliança 31, pertencente à Marçonaria e o Ypiranga para os mais populares, conhecidos também com o “clube dos negrinhos”, como pode constatar a seguir na declaração de senhor Fernando Marques de Almeida:

Era um clube justamente da classe media (o clube Ypiranga), mas era um clube de renome, com um dos maiores futebóis da época, naquela época era o Ypiranga.

Ele era mais para o povão, já o Campinense e o 31 eram para pessoas mais... o Campinense peneirava muito,para entrar você tinha que ter uma linha mais...nem todo mundo entrava lá não.

Eu visitava o Ypiranga uma vez por ano no carnaval, separava um grupo do Campinense e ia visitar o Ypiranga e do Ypiranga também, depois de certa hora separava algumas pessoas e iam ao Campinense.

Para diversões mais matinais tinha os cinemas, os passeios nos chamados carros de passeio, as praças como a Praça da Bandeira que era um lugar onde se reuniam pessoas para tratar de negócios, política ou penas conversar com amigos, flertar as senhoritas. (SOUZA, 1993, p.70)

Esse movimento na Praça da Bandeira devia-se também graças aos cinemas Babilônia e o Capitólio como podemos observar ainda na fala do senhor Fernando:

Tinha três sirenes pra quando o filme ia começar e quando ele apitava a gente já sabia: “Oh,o Capitólio ta chamando”. Com o Capitólio ali do lado, no meio tinha um pavilhão que vendia pão doce, caldo de cana coisa e tal e quando terminava o cinema era quase obrigatório o passeio do ‘quem me quer’, ai saia todo mundo do cinema e ia arruviar (sic) a praça, isso era o passeio, não é, ai as moças iam arruviando (sic) e a gente ficava observando.

Em Bodocongó tinha o açude onde as pessoas iam tomar banho,tinha um clube aquático e festas em geral.

Alem dessas diversões, Bodocongó também era considerado por outros tipos de diversões, para os mais boêmios havia lá as casas de prostituição que se espalhavam por toda cidade, como a Rua da Madchúria, um aglomerado de casas noturnas, onde não era raro a policia ter que ir resolver algum problema entre as prostitutas pelos mais diversos motivos, as casas de Carminha Vilar, Madame Alice, mais tarde na década de 50 Dona Maria Garrafada na Rua da Pororoca, sem esquecer-se do Cassino Eldorado suntuosa casa noturna de Dona Josefa Tributino, ponto de encontro para a mais alta classe social campinense solteiros, casados, enfim, homem em busca de diversão, shows, negócios, dança e claro, belas mulheres, as prostitutas mais finas, como podemos comprovar a seguir na fala de Dona Maria da Guarafada numa entrevista com o repórter Ronaldo Dinoá;

Demais. Todas as noites, o Cassino Eldorado tinha suas mesas ocupadas, inclusive, as mulheres naquele tempo eram mulheres de linha, educadas e bem vestidas. Não é como hoje, que são umas degeneradas e, alem do mais, o dinheiro daquele tempo tinha outro valor, era dinheiro mesmo! Basta dizer que o Eldorado sempre apresentava shows com artistas nacionais e internacionais; cantores, bailarinos, dançarinos e outras atrações. (DINOÁ, 1993, p.559)

Ainda sobre os lazeres da cidade, não poderíamos deixar de falar no carnaval campinense, muito elogiado por seus participantes, melhor até do que o da capital João Pessoa. (Ibid.,p.208)

Os clubes se organizavam usavam fantasias e saiam visitando as casa das outras pessoas espalhando serpentina e alegria pela cidade, alem disso, havia pavilhões em alguns bairros que animavam ainda mais a festa. (Ibid.,p.75)

Na educação já existiam escolas como o Alfredo Dantas, o Instituto São Sebastião e o Colégio São José datado de 1877, o mais antigo da cidade fundado pelo professor Clementino Procópio, o desenvolvimento cultural e artístico também não era elevado, mas, havia na cidade já interesse nessa área, pessoas preocupadas em incentivar a educação e a cultura da cidade, como o próprio Clementino Procópio, citado a cima, Tenente Alfredo Dantas, que contribuíram para o desenvolvimento da educação na cidade, mas também Eurípedes Oliveira, Pedro D' Aragão, professor Gil de Figueiredo, Severino Torquato, que aderiam á causa das classes menos privilegiadas organizando uma instituição para cuidar de seus direitos, além de oferecer auxilio social.

Fundada em 26 de fevereiro de 1929, por Eurípedes Oliveira, Pedro D' Aragão e Gil de Figueiredo, a então União Beneficente dos Sapateiros, associação de cunho político e religioso que realizava ações assistencialistas visando o bem social, econômico e

cultural de seus associados, apresentava cursos de alfabetização gratuita, assim como cursos profissionais além de cestas básicas, atendimento médico e judicial para a defesa dos direitos de seus associados, além da criação do salário-emprego, inédito no Brasil até então e outros tantos benefícios. (DINOÁ, 1993, p. 322).

Só em dezembro de 1952 numa necessidade de ampliação de suas ações sociais, a União Beneficente de Sapateiros se transformou em Sociedade Beneficente dos Artistas adequando seus estatutos à nova realidade que acompanhavam.

Seus fins eram os mesmos: proporcionar tanto aos associados como a classe trabalhadora em geral, o acesso a educação, bibliotecas, centros culturais, ensino profissionalizante, encontros sócio-familiares como forma de lazer, atendimento médico, sanitário, além de auxílio financeiro tanto ao associado como a sua família em caso de falecimento, isso tudo de forma gratuita.

Suas instalações ficavam na Avenida Brandão Cavalcanti, número 404 (hoje Avenida Getúlio Vargas). Lá a associação dispunha da Escola Primária Irineu Joffily que preparava os alunos para o exame de admissão da Escola Profissional Nilo Peçanha que contava com cursos de datilografia, música, corte e costura e bordado que ajudou muitos jovens em seus ingressos ao mercado de trabalho, não apenas na cidade, mas, em mediações e cidades vizinhas, podemos perceber a seguir na ata encontrada no Livro de Visitas da sessão de inauguração da Escola Remington “Senhora do Bom Conselho”, em Esperança:

Aos 19 (dezenove) dias do mês de março do ano de 1959, a Cidade de Esperança, no prédio número 245, sito à Rua Manuel Rodrigues de Oliveira, às 9 horas precisamente, perante mesa orientadora dos trabalhos, presidida pelo Professor Luis Gil, Diretor da Escola Profissional Nilo Peçanha da cidade de Campina Grande... declarando fundada solenemente a Escola Remington “Senhora do Bom Conselho”, anexa a Escola Profissional ‘Nilo Peçanha’ da Cidade de Campina Grande.”

(Livro de Visitas, 1959, p.184)

Uma das grandes preocupações dos associados era oferecer aos trabalhadores não apenas numa perspectiva profissional, mas também intelectual, inserindo-os no contexto não apenas nacional, como mundial. Podemos observar isso no Livro de Visitas, dada a sessão extraordinária da Sociedade Beneficente dos Artistas, com o protesto do operariado campinense contra o afundamento de navios brasileiros por países do Eixo na Segunda Guerra Mundial:

Aos 28 dias do mês de Agosto de 1942 na sede social da Sociedade Beneficente dos Artistas, sob a presidência do consócio Pedro d’Aragão, foi aberta a sessão extraordinária com a presença de grande número de associados, professores, alunos e o jornalista Epitácio Soares representante da “A União”, a qual teve por fim protestar contra o afundamento dos nossos

indefesos navios,cuja ação deu em resultado a declaração de guerra por parte do Governo Brasileiro á Alemanha e Itália... (Livros de Visitas,1942,p.87).

Sua manutenção era realizada pelos próprios membros da instituição: quem tinha mais condições financeiras fazia doações, uns ajudavam os outros dessa forma. Além disso, apesar de possuir cunho político religioso, não eram aceitáveis confrontos políticos ou religiosos entre os sócios ou a mistura entre os mesmos que viesse a contrariar algum estatuto da associação. Assim, se priorizava o respeito entre sócios e á associação, sofrendo, em caso de descumprimento de alguma das regras, penalidades que iam de uma suspensão e até a exclusão da instituição dependendo da gravidade da falta.

Os idéias da Sociedade de uma visão do coletivo vinha apenas complementar as mudanças que ocorriam em Campina Grande na década de 20, transformações essas não apenas ligada a questões urbanas, mas também da mentalidade e cidadania campinense à época, o que viria justificar a ideologia coletivista que a Sociedade Beneficente dos Artistas possuía.

Segundo Claudéci Ribeiro, jornalista contemporâneo, essa mesma associação foi responsável pelas primeiras reuniões da história trabalhista da cidade tornando a instituição muito bem elogiada pelos próprios associados, personalidades reconhecidas como Antenor Navarro (interventor federal), Argemiro de Figueiredo, Vergnaud Wanderley (prefeito de Campina Grande), como também os apreciadores anônimos. Contudo, e não menos importante tem a apreciação de vizinhos que estaziados relataram suas experiências no local nos cursos, nas festas. Podemos constatar isso em um dos Livros de Visita da associação:

Visitando,hoje, a Sociedade Beneficente dos Artistas, na comemoração 20/07 aniversario natalício do eminente gênio da musica,que foi o memorável Carlos Gomes,tivemos a mais grata impressão... Sendo, entre nós, a primeiro golpe de vista, o resultado de um esforço titânico em prol de um grande empreendimento, qual seja a revocação profissional. Pelo prédio onde funciona a Sociedade se conclui que em seus abnegados associados,dados as grandes proporções do mesmo,se excederam,em um projeto esforço para a conservação de sua finalidade. Vemos simplesmente já atestado, a bem verdade, diante do que vimos que a S.B. A é uma instituição que merece a nossa solidariedade moral, o apoio de todo bom cidadão e o amparo dos poderes públicos (Jose de Oliveira Pinto- 11 de julho de 1938- pág. 13).

Referências

- DINOÁ;Ronaldo, “Memórias de Campina Grande- volume 1; 1993
- SOUZA; Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de, “ Cartografias e Imagens” – Tese de Doutorado – Unicamp - 2001.
- Estatutos da Sociedade Beneficente dos Artistas de Campina Grande, PB , ano 1952
- Livro de visitas da Sociedade Beneficente dos Artistas de Campina Grande, PB

Entrevistas:

- Fernando Marques de Almeida
- Odete Sousa Oliveira
- Maria Ferreira da Silva
- Leonia Leão